

KIDAIIS DE INVERNO



Chega a frente fria. Vento, chuva, céu cinzento. Arre! Estou de férias! Albertina C. G. dos Santos

Na ponta da língua morangos com *chantilly* um gosto de infância. Ana Cecília Ferri Soares

Ao meio-dia cachorro morde na estrada urubus aloçam. Carlos R. Barbosa de Jesus

Com muito agasalho, previnem da frente fria. Mas só vem calor! Cecy Tupinambá Ulhôa

Fieira de trovas no Dia do Trovador, os doces da festa. Débora Novaes de Castro

Mas, que bela quadra! – É dia do trovador. Rimas, metro sete. Edel Costa

Seqüência de dramas – bombeiro voa ligeiro – folha seca em chamas... Fernando L. de A. Soares

Frente fria chega soprando um bafo gelado... gasosco *iceberg*. Fernando Vasconcelos

Vento do leste traz sultaria; frente fria; Flávio Henrique Velasco

O fruto gostoso. A pitanga avermelhada. Rola pelo chão! Haroldo R. de Castro

Fina garoa. Apanho mel sobretudo. Passos apertados. Helvécio Durso

As nuvens caminham pelo mormaço do dia. Urubus levitam. Héron Patricio

Pitanga madura, farto e agridoce prazer. Os lábios resumam. J. Stavola Porto

Nenhuma nuvem. Um urubu faz manobras... É preto no azul. João Batista Serra

Terra comprometida... Geadã estende seu véu. Noiva da morte! João Elias dos Santos

Na hodas de prata, cobrem bloco de morango, doces corações. José N. Reis

Brasa parada a fogueira a descansar por sobre a lenha. Larissa Lacerda Menendez

Azálea florindo sente o beijo da brisa, deseja fugir... Leonardo Cezário dos Santos

Na praia de inverno, feito andorinhas em fuga... turistas chegando! Leonilda Hilgenberg Justus

Num sopro de mágica todo o povo agasalhado! – Esta frente fria... Luís Koshitiro Tokutake

Folha seca caindo, enxergo a morte sorrindo. Um bafo no chão. Marcelino R. de Pontes

Aquecendo o frio reencontrando caminhos ou a luz da fogueira. Maria de Jesus B. de Mello

Queimando qual brasa a fina geadã arrosa a feira de casa... Mariemy T.

Hoje tão linda a fogueira colorida! Amanhã cinzas... Nadyr Leme Ganzert

Chocolate quente, agasalho, cobertor. Outra frente fria. Olga Amorim

Dia amanhecendo... Na galharada seca dormem urubus. Olíria Alvarenga

Ousado pássaro flertou do galho a pitanga. Um soar de vitória! Quelen Carini Abech Tabosa

Sangue no assoalho: um succulento morango foi pisoteado. Renata Paccola

Vítima da geadã, fulge a planta com diamantes. Fugaz sobrevida. Rodolpho Spitzer Júnior

Sabiás, em bando, no Dia do Trovador, festejam a data. Santos Teodósio

Kigos à escolha para até três haicais a serem enviados

até o dia 30.07.99:
Aipim, Dia do Bancário, Rio Minguante.
Até o dia 30.08.99:
Bicho-de-pé, Nêspera, Vaquejada.

Fazer um haikai de sação é como tirar uma foto ou filmar. Vemos o kigo (focalizamos), sentimos, com a mente vazia (sem preconceitos), o que estamos vendo (fotografamos ou filmamos) e escrevemos (revelamos), compondo assim um haikai com kidai, ou seja, haikai com tema da estação, por conter, *como assunto principal* o kigo, palavra da sação. O haikai de sação deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do kigo, com 5-7-5 sílabas poéticas (sons) com um corte (ou brecha) após o 1º ou 2º verso, mas de forma tal que o leitor não se “perca” no relacionamento de ambas as partes, nem estas estejam por demais relacionadas. O haikai conterá ainda sutilezas que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor.

1. Preencher até três haicais, conforme os kigos à escolha em cada prazo (cada conjunto em uma única ½ folha de papel carta ou ofício), escrever o nome e o endereço e assinar. Despachá-las normalmente pelo correio, com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinónimos *corretos* dos respectivos kigos.

Enviar para:

Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

2. Posteriormente o haicasta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicais desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. O haicasta se compromete a enviar numa folha, 7 dias após remessa de rol para escolha, o resultado dessa sua seleção. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicasta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haikai assim escolhido, sob pena de não o fazendo, perder os votos que venha a receber os haicais de sua autoria. Escusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicais de própria lavra.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do fim do mês seguinte.



IPÊS EM FOLHA

O cravo viçoso na lápide escura e fria, adorna a saudade!... Elen de Novaes Felix

Um sopro da brisa um perfume sedutor! – Cravos no jardim... Maria Madalena Ferreira

Portugueses e índios. Na clareira, a cruz erguida... a Primeira Missa. Maria Reginato Labruciano

Diante da foto, no vaso, um cravo vermelho... perfumando a ausência. Maria Reginato Labruciano

São almas nativas, olhando a face de Deus: a primeira missa! Elen de Novaes Felix

Lágrima que cai, no manto negro da noite. A estrela cadente... Hermoclydes S. Franco

Roda de samba. Cravo branco na lapela, o malandro ginga... Douglas Elen Brotto

Reza o Frei Coimbra e semela amor e fé: A Primeira Missa. José Messias Braz

Ao canto um piano. Sobre o verniz em tom negro, a alvura de um cravo... Darly O. Barros

Estrela cadente rasga o céu de anil, sumindo na mágica noite. Látia Lacerda Menendez

Rumo ao infinito um punhado de desejos... Estrela cadente! Ercy M. M. de Faria

Um cravo sozinho numa toalha amassada restos de uma festa. Alba Christina

Estrela cadente riscando o espaço celeste fugaz bailarina... Darly O. Barros

Flechas e tacapes no chão... Índios assistindo à Primeira Missa... Maria Madalena Ferreira

Um risco prateado visível no céu escuro: estrela cadente. Djaldá Winter Santos

Enfeitando a vida... Os cravos também perfumam ausências vividas... Ercy M. M. de Faria

Chuva em abundância... Curvo, num vaso sem água, um cravo fenece. Analice Feitosa de Lima

Um cravo florido lá no fundo do quintal...esperava alguém?... M. U. Moncam

Na terra distante sob olhar dos curiosos a primeira missa... M. U. Moncam

Cravo na lapela... Meu pai... Rua da Direita... Foto de família. Eduardo A. O. Toledo

Um lápis de fogo risca o silêncio da noite. Estrela cadente. Roberto Resende Vilela

Olhares selvagens não perdem o altar de vista: – A Primeira Missa! Humberto Del Maestro

Estrela cadente, despensa do céu, chorando. Um pranto de luz! Elen de Novaes Felix

Cravo perfumoso recebe na jardineira um beijo da abelha. Olga dos Santos Bussade

A cruz dominando índios e brancos unidos. A Primeira Missa! Alda Corrêa Mendes Moreira

Madrugada quente. Um pingo de ouro no espaço... – Estrela cadente! Humberto Del Maestro

Vermelho carmim, a cor do cravo e do novo gaguejando: – “Sim”. Látia Lacerda Menendez

Os três, Ele & Ela e o cravo, juntos à lapela, presos rodopiando. José Messias Braz

Estrela cadente! Correndo no céu à noite leva meu pedido!... Olga dos Santos Bussade

Craveiro do Sull Carrega no céu a cruz da primeira missa... Amália Marie G. Bornheim

A porta da verdade estava aberta, mas só deixava passar meia pessoa de cada vez.

Assim não era possível atingir toda a verdade, porque a meia pessoa que entrava só trazia o perfil de meia verdade. E sua segunda metade voltava igualmente com meio perfil. E os meios perfis não coincidiam. Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta. Chegaram ao lugar luminoso onde a verdade esplendia seus fogos. Era dividida em metades diferentes uma da outra.

Chegou-se a discutir qual a metade mais bela. Nenhuma das duas era totalmente bela. E carecia optar. Cada uma optou conforme seu capricho, sua ilusão, sua miopia.

Carlos Drummond de Andrade (1902/1987), Verdade: citado por Jozimas Geraldo Lucas em Reflexão: Operários da saúde em construção: um olhar sobre a vida e a pessoa.

Na minha aldeia pouca coisa muda... Tem roupas nos varais, ao sol, secando... Tem missa na capela (vez em quando...) Tem benzedeiras com seus chás de arruda... Tem solteironas (três) – estão rezando a Santo Antônio que lhes dê ajuda – Tem um grupo escolar... (Que Deus o acuda!) sem professora agora... e precisando...

A rua principal vai ser calçada... Tem posto de saúde... (sem doutor) Tem eu... (que pus os pés em outra estrada) Também tem candidato a vereador... Tem cento e cinco casas, e mais nada ...e vai ser município. Sim senhor!

Miguel Russowsky, A Minha Aldeia ou Cidades de Minha Infância; em Estro Ano VI – 1999, N° 57

“A cabeça da gente é uma só e as coisas que há e que estão para haver são demais de muitas, muito maiores diferentes, e a gente tem de necessitar de aumentar a cabeça, para o total”.

João Guimarães Rosa (1908/1967), citado por Jozimas Geraldo Lucas em Reflexão: Operários da saúde em construção: um olhar sobre a vida e a pessoa.

Falas... e, por te ouvir, me fico muda e queda; a minha alma, porém, começa a atravessar uma larga, uma longa e sombria alameda de laranjais em flor se espetalando ao luar.

Falas... pelo silêncio há capulhos de seda... toma-me a sensação de um langor singular... Falas... e tua fala, ora triste, ora leda, tem a ascensão sutil do aroma a espiralar.

Falas... ao te escutar, sinto, neste momento, que tua voz é um branco, é um perfume ungüento para a chaga febril do meu grande pesar...

Falas... e, ora, sentindo a tua suave fala, cuido que um anjo louro, a sorrir, despatala flores, sobre meu sonho aflito, a agonizar...

À Laura Austregesilo

Gilka da Costa de Melo Machado (1893/1980), Impressões do Som I: de Poesias 1915-1917

La madre hipocresía desembarcó en el patio vino con sus hijitos y su proyecto rosa vibraba como arpa / narraba como quena gemía como viento / cantaba como grillo la madre hipocresía cambiaba los pregones nos hacía confiar en las marcas del cielo decía el cautivante discurso del nordeste con la humilde y sabrosa entonación del sur sin embargo una noche la madre hipocresía llegó desprevenida y la esperamos todos como sobrevivientes recién desenjalados con la oscura mochila vacía de tabúes le miramos sin lástima los ojos de tiniebla la piel y los tobillos / los labios y la historia y se fue disolviendo / disolviendo / y quedó tan sólo un montoncito de roña y de zenizas.

Mario Benedetti, Papel Mojado: Madre Hipocresía; de La Vida ese Paréntesis, 1999

Con el rojo de la mala sangre el anaranjado del azafrán bastardo el verde de los capotes castrenses y el amarillo de la fiebre tal con el azul de la vieja nobleza una pisca de añil adulterado y algún que otro erudito a la violeta puede formarse con un poco de suerte un asco iris.

Mario Benedetti, Uno y Los Otros: Espectro; de La Vida ese Paréntesis, 1999

De los medios de comunicación en este mundo tan codificado con internet y otras navegaciones yo sigo prefiriendo el viejo beso artesanal que desde siempre comunica tanto.

Mario Benedetti, Amor Vendimia: Mass Media; de La Vida ese Paréntesis, 1999

Com dedos de luva tamborila no telhado suavemente – a chuva.

Marilena Soneghet Bergman, em Estação Primavera (Haicais), 1999

Mas que coisa é homem que há sob o nome: uma geografia?

um ser metafísico? uma fábula sem signo que a desmonte? Como pode o homem sentir-se a si mesmo, quando o mundo some?

Como vai o homem junto de outro homem, sem perder o nome?

E não perde o nome e o sal que ele come nada lhe acrescenta

nem lhe subtrai da doação do pai? Como se faz um homem?

Apenas deitar, copular, à espera de que do abdômen brote a flor do homem?

Como se fazer a si mesmo, antes de fazer o homem? Fabricar o pai e o pai e outro pai e um pai mais remoto que o primeiro homem? Quanto vale o homem?

Menos, mais que o peso? Hoje mais que ontem? Vale menos, velho? Vale menos, morto?

Menos um que outro, se o valor do homem é medida de homem? Como morre o homem, como começa a?

Sua morte é fome que a si mesma come? Morre a cada passo?

Quando dorme, morre? Quando morre, morre? A morte do homem

conselheira a goma que ele masca, ponche que ele sorve, sono

que ele brinca, incerto de estar perto, longe? Morre, sonha o homem?

Por que morre o homem? Campeia outra forma de existir sem vida?

Fareja outra vida não já repetida, em doído horizonte?

Indaga outro homem? Por que morte e homem andam de mãos dadas

e são tão engraçadas as horas do homem? Mas que coisa é homem?

Tem medo de morte, mata-se, sem medo? Ou medo é que o mata

com punhal de prata, laço de gravata pulo sobre a ponte?

Por que vive o homem? Quem o força a isso, prisioneiro insonte?

Como vive o homem, se é certo que vive? Que oculta na frente?

E por que não conta seu todo segredo mesmo em tom escosso?

Por que mente o homem? mente mente mente desesperadamente?

Por que não se cala,

se a mentira fala, em tudo que sente?

Por que chora o homem? Que choro compensa o mal de ser homem?

Mas que dor é homem? Homem como pode descobrir que dói?

Há alma no homem? E quem pós na alma algo que a destrói?

Como sabe o homem o que é sua alma e o que é alma anônima?

Para que serve o homem? para estrumar flores, para tecer contos?

Para servir o homem? para criar Deus? Sabe Deus do homem?

E sabe o demônio? Como quer o homem ser destino, fonte?

Que milagre é o homem? Que sonho, que sombra? Mas existe o homem?

Carlos Drummond de Andrade (1902/1987), Especulações em Torno da Palavra Homem: citado por Jozimas Geraldo Lucas em Reflexão: Operários da saúde em construção: um olhar sobre a vida e a pessoa.

Con ríos con sangre con lluvia o rocío con semen con nieve con llanto los poemas suelen ser papel mojado.



Mario Benedetti, Papel Mojado; de La Vida ese Paréntesis, 1999

– Mãe, você trabalha demais. Arruma uma empregada.

– Meu filho, já tentei. É tão difícil.

– Continue tentando. Eu não quero você descalabada, sem tempo pra nada.

Finalmente dona Cíntia conseguiu uma empregada. A empregada dormiria em casa. Não tinha filho, marido, namorado. Não era crente mas também não gostava de baile. Não fumava nem bebia. Não estudava nem praticava esportes. Bem caseira.

O nome dela era Sebastiana.

– Mas pode me chamar de Tiana, avisou ela.

Trouxe as coisas dela numa sacola de náilon de tamanho médio. Debaixo do braço um enorme galão de briga.

Tiana era bem morena e bem grande. Nasceu em Mato Grosso, sem amigas na cidade grande.

Dona Cíntia simpatizou muito com ela. Fazia todo o serviço. Cozinhava, lavava, arrumava a casa. Mesmo assim sobrava tempo pra ela cuidar do galo e ver televisão.

Treinava o galo pra briga com um cabo de vassoura. Depois jogava uma caixa de papelão.

– Ali, Nininho, ali.

E o galo ia em cima furioso.

Seu Mário tava viajando. Quando chegou encontrou a novidade.

Seu Mário ao chegar do cansativo dia de trabalho, entrando pela porta dos fundos como de costume, viu o bicho em sua direção.

Ele detestava qualquer animal. Um verdadeiro horror. Soltou a pasta no chão e gritou:

–Tira essa porcaria daí senão eu chuto.

Tiana bem arrogante, encarou o patrão bem feio. Depois, o galo com muito amor.

– Vem cá, Nininho, meu filhinho, meu amorinho, o cachorro ficou solto porque não fazia mal a ninguém. Mas mordeu o Mário. Ficou com a marca até hoje. O cachorro mordeu com tanto gosto que até arrancou pedaço. Quando levou o fora da primeira namorada ela soltou os cachorros atrás dele. Foi uma grande humilhação.

Quando adolescente na fazenda do seu tio, levou um coice do cavalo. Nem de passarinho gostava. Um dia cortou a árvore do quintal pra acabar com a praga dos passarinhos que ficavam lá no maior barulho. Ah! teve uma época em que ficou doente. Muito mal. O médico falou que era verminose por causa da carne. Depois disso, ficou mais apavorado com animal. Não comia carne de jeito algum.

E agora o galo na sua casa. Todo dia quando chegava do trabalho e queria entrar pela porta do fundo o galo pulava querendo briga.

Ele não dormia mais em paz. Dormindo, chorava e gritava. No sonho, aparecia galo, gato. O galo bicando e o gato arranhando.

– Tiana eu não quero este galo aqui.

– Então eu vou embora.

Dona Cíntia ficava triste. Custou tanto arrumar uma boa empregada e agora...

Por causa da mãe ele aceitava o sofrimento. A mãe até que achava bom o galo. Afinal, quem não tem cão, caça com galo. A casa agora ficava protegida. Nenhum ladrão ia entrar na casa por causa do galo. Nininho era um bom vigia. Nem o patrão podia entrar em casa. Quando a bola dos meninos vizinhos caía no quintal, não adiantava pular o muro pra pegar.

– Socorro! Dona Cíntia, o galo quer me pegar.

– Bem feito! Quem manda pular o muro do vizinho?

Ela ficava satisfeita porque o galo punha os meninos pra correr. E os meninos, várias e várias vezes quebraram as vidraças da casa com a bola. Tiana acordava cedo por causa do galo.

– “Quem cedo madruga, Deus ajuda”, lembrava ela.

A alimentação do Nininho era dividida em três travessas: uma pra ração, outra pra canjiquinha e a terceira, uma fruta ou legume, bem amassadinho. Um dia, abóbora. Noutro dia, mamão. Mas podia ser banana, abacate, cenoura, etc. Uma coisa que ela não admitia era dar resto de comida como queria seu Mário. Ela servia primeiro o Nininho e depois passava o café.

Quando Nininho parava de comer ela passava a mão nele. Era hora do seu passeio matutino. Comprava o pão, o jornal, batia um papo com o jornaleiro. Ela dizia que o passeio era bom pra saúde do Nininho. Aproveitava pra jogar no bicho. Sempre no galo. Seu Mário brigava muito por causa do galo. E saía perdendo.

– Dona Cíntia, quem é de briga é o seu filho, não o galo. Nininho tá sossegado no canto dele e seu Mário aí fazendo esta confusão.

Dona Cíntia conversava com o filho.

– Deixa de entrar pelos fundos. Entra pela porta da frente.

Ela ficava com medo de perder a empregada. Toda manhã, quando voltava do passeio com Nininho, Tiana passava o café, preparava o suco. Arrumava a mesa, colocando o jornal em frente à cadeira do seu Mário. Colocava as frutas no centro da mesa e de lado o pão, a manteiga e o queijo. Quando os sobrinhos de seu Mário dormiam lá, colocava as lancheiras das crianças penduradas na cadeira. Acordava as crianças e depois Dona Cíntia e seu Mário. Punha as crianças pro banheiro. Pegava a vassoura e varria do

quintal à sala. Preparava o almoço depois que todos saíam da mesa. Seu Mário só voltava ao entardecer. As crianças gostavam de ficar na casa da vó e sempre estavam lá pra almoçar. Dona Cíntia fazia tricô e crochê. E conversava muito com os amigos pelo telefone. Fazia compras, saía pra ir ao banco.

Tiana falava que as crianças só entravam em casa na hora em que a fome batia. Atormentavam Tiana pra ela deixar eles brincarem com o galo. Ela não deixava.

– Não pode, não. Senão gasta a beleza dele.

Tiana comia muito. Um dia a professora pediu pros sobrinhos do seu Mário fazerem uma entrevista com uma pessoa gorda. Era uma pesquisa sobre a gula. As crianças conseguiram bater o recorde de peso.

– Essa gorda mora na casa da nossa vó.

Ninguém na escola conseguiu entrevistar um gordo de 125kg. Só eles.

Ela comia muito e de tudo. Aliás, quase tudo. Carne de ave não.

Quando Dona Cíntia teve a idéia de assar frango com farofa, Tiana não aprovou. E ainda avisou que não contasse com a ajuda dela.

– Isso é coisa de quem não tem sentimento. É pecado. Tanta coisa boa de comer: peixe, jacaré, porco, Galinha, não.

Dona Cíntia não comprou mais frango. Quando queria comer frango ia a um restaurante.

Quando treinava o galo com o cabo da vassoura, Tiana ficava repetindo:

– Isso que é macho! Isso que é macho! Isso que é macho!

À noite, assistia à novela das seis, das sete, oito e nove. Depois os filmes. Tudo com o Nininho. Quem quisesse jantar que preparasse.

O maior sonho de Tiana era ganhar no jogo do bicho pra poder comprar uma casinha e parar de trabalhar. Uma casinha com terra pra plantar. Lá em Mato Grosso.

– Lá é que se vive, dizia ela.

Comprava saquinho com sementes no supermercado e guardava tudo numa caixa. Adorava mostrar a caixa pra visitas que chegavam.

– Vem ver minha horta. Tem alface, tomate, agrião, cheiro-verde.

Um dia, seu Mário estava trabalhando quando o presidente da empresa o chamou.

– Estive observando seus esforços dentro desta empresa. Decidi que você deve ocupar um lugar de acordo com o seu potencial. Amanhã onze horas esteja no salão nobre da empresa. Vai ter um almoço em sua homenagem.

Seu Mário humildemente agradeceu e saiu feliz da vida. A felicidade durou até...

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano 3, Nº 7 – JULHO 1999

Assinatura até 12.99: 05 selos de R\$ 0,22

Este número ou anteriores: 3 selos de R\$ 0,22

Quando chegou à casa pegou sua camisa favorita e deu pra Tiana.

– Vou precisar desta camisa amanhã. Cuida também do meu terno azul-marinho. Se amanhã der tudo certo pra mim, lhe darei um aumento.

No dia seguinte foi buscar o carro que estava no posto pra lavar. A lavagem custou o olho da cara. Ao chegar à casa tomou um susto com o que presenciou.

A calça do terno não existia mais. Nininho bicava a calça no varal. A calça estava em farrapos.

– Que o diabo te carregue! e deu um pontapé no galo.

– O galo correu assustado fazendo muito barulho. Apavorado, com a mão na cintura Tiana encarava o patrão.

Ele vestiu uma calça qualquer e foi atrás da camisa.

– Pelo menos a camisa vai abafar a calça, gritou ele.

Quando viu, a camisa também estava em farrapos.

– Que os diabos te carreguem! Galo safado!

Pegou uma camisa qualquer, pôs o paletó e a gravata. Já atrasado, correu pro carro. Pelo menos o carro ia abafar a camisa. Parou revoltado. O galo estava dentro do carro. O galo tinha cadado no carro por fora e agora por dentro.

Seu Mário pegou o galo e o jogou longe.

– Que todos os diabos te carreguem!

– Pelo menos o meu novo cargo vai abafar o carro cadado.

Chegou ao salão nobre. Todos se admiraram com o homenageado. Mal vestido, descabelado, atrasado.

O presidente da empresa não reparou nestes detalhes. Estava feliz com a escolha. Sempre lhe falavam que tinha faro pros negócios.

Nunca reparou no cheiro de Mário antes. Mas hoje o cheiro de Mário lhe chamou atenção.

Estava de acordo com o cargo que ia ocupar.



Prezado leitor: vire a folha.

Mário foi promovido a gerente de granja.

Loris Baena *Cunha Neto* em Contos, 1990: Antologia Organizada pelo Sindicato dos Escritores no DF

O FANTASMA DO GATO

Meu cachorro detesta gatos.

A qualquer sombra dos mesmos ele vira uma fera.

Não sei se é por causa do miado, do rabo balançando junto ao telhado ou simplesmente é o instinto lendário. Talvez seja inveja do coito freqüente dos bichanos.

Certa madrugada fui despertado por fortes e bravios latidos de *Boogie*. Levantei-me para averiguar. Tamanho susto tomei ao deparar tal cena. Um felino gigante e cinzento encontrava-se sobre o muro rente à casa do vizinho e à minha. Com suas garras à mostra movimentava as patas em direção ao cão, que se saíra com o fochinho todo arranhado.

O Gato, porém, parecia não querer sair dali, até porque sua natureza felina permite-lhe saltos acrobáticos.

Observando meu cachorro ferido e raivoso tratei logo de agir. Apossei-me de uma vassoura feita de piaçaba e, ante a qualquer ação, considerei as possibilidades do enorme gato voar sobre mim e até mesmo dele aterrissar para o lado de cá.

O monstro agora rosnava ferozmente e então eu já sabia o que fazer, não restando outra alternativa. Com a vassoura em punhos, de uma só vez, numa tacada só, subitamente empurrei o bicho provido de força espetando-o quase sem querer com as fibras de piaçaba. Apenas ouvi o baque do corpo ao chão. O felídeo não dera nenhum sinal, nem sequer um miado de desespero ou gemido de dor.

A morte fora repentina, pensei.

Um tanto receoso pus meus olhos sobre o muro de Berlim (que por curiosidade tem duas medidas distintas de altura, isto é, dois metros aproximadamente do lado de cá e cinco metros aproximadamente do lado de lá) e não avistei nada. O gato sumira na escuridão. Os vizinhos pareciam dormir tranqüilamente. Suas lâmpadas permaneciam apagadas. Nenhum ruído portanto era ouvido. O silêncio voltara a reinar naquela madrugada fictícia.

Encucado retornei à cama.

Na manhã seguinte o ar suscitava que nada ocorrera, exceto pelos arranhões no *Boogie* e estranho remorso que me acompanhava.

Os dias sucediam-se e com eles o episódio se apagava conforme os arranhões eram cicatrizados.

A garatia em cima do telhado continuava a incomodar o meu cachorro. Era somente a antiga rotina de sempre.

Tudo aparentava soar bem até que um domingo nublado de atmosfera sombria foi acordado novamente pelos graves latidos do *Boogie*. Já era hora, pois eu dormira bastante! Dirigi-me, então, à cozinha, de onde provia o escarcéu.

Ao chegar encontrei a minha mãe tentando, em vão, acalmar o cão raivoso e ao mesmo tempo cantarolando:

– Xô! Xô! Xô!

Aproximei-me da porta da cozinha que dá acesso ao corredor da casa, onde aconteciam as cenas do filme doméstico protagonizadas pelo meu cachorro, minha querida mamãe e a minha surpresa!

No vão entre a parede da cozinha e o telhado do corredor o rabo peludo e cinzento mexia-se com o vento, contudo o ser entendia-nos estar imóvel. Dona Ademilde parecendo ler os meus pensamentos empenhou-se da velha vassoura de piaçaba e começou a cutucar o rabo ora a bater no telhado com o cabo. De repente alguma coisa rola telhado abaixo. O cão de prontidão desce as escadas rápido e choramingando atrás do objeto que caíra. O rabo desaparece do vão e logo imaginamos que o animal tivesse ido embora.

Passados alguns segundos sem termos o *Boogie* de volta e curiosos com o silêncio aterradorizador, desci também para verificar.

Debaixo da escada *Boogie* tinha entre as suas presas um peçoço de um gatázio cinzento. E o interessante é que ambos não faziam quaisquer ruídos. *Boogie* estranhamente encontrava-se calmo e fora fácil tirá-lo de cima do gatázio. Para o meu espanto tratava-se do mesmo animal daquela madrugada.

Peguei um pedaço de pau e comeci a cutucar o bicho e o mesmo nem sequer sangrava. Seus olhos achavam-se esbugalhados. De impeto põe-se de pé e cambaleia. Apavorado o coloco dentro de um caixote de madeira e o levo a um terreno baldio.

Todas as noites tenho pesadelos.

Todos os dias aguardo as cinco vidas que lhe restam.



Marcelino Rodrigues de Pontes, em Eu Conto... Tu Contas... Ele conta..., 1998